

SEMIÓTICA DO CUIDADOR: UMA ANÁLISE ARQUETÍPICA DE TRUNKS DE DRAGON BALL Z

CAREGIVER SEMIOTICS: AN ARCHETYPAL ANALYSIS OF TRUNKS FROM DRAGON BALL Z

Thiago Barbosa Soares¹

RESUMO: Este texto possui objetivo de descrever e interpretar o arquétipo do cuidador presente em Trunks (do futuro), do anime de Dragon Ball Z (Akira Toriyama), segundo a perspectiva da semiótica arquetípica, cujo resultado é a articulação da semiótica com a psicologia arquetípica. Com vistas a alcançar o escopo deste artigo, seguimos o traçado metodológico-heurístico da semiótica arquetípica desenvolvido em “A semiótica do herói: a conflagração do caminho ascendente de Son Goku” (SOARES, 2020), em “A semiótica do sábio: uma análise da constituição da jornada de Piccolo em Dragon Ball Z” (SOARES, 2021a) e em “A semiótica do amigo: uma análise da composição do companheirismo de Kuririn, em Dragon Ball Z” (SOARES, 2021b). Para tanto, recorremos ao uso da conceituação junguiana de arquétipo (JUNG, 2002) que, por sua vez, possibilita a aplicação extensiva dos quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica (MARK; PEARSON, 2001) sobre os quais assentam a análise cujo tensionamento é compreender a valência dos principais traços ligados à estrutura semiótica do cuidador. Decorrente da consecução do objetivo aqui traçado, foi possível constatar, entre outras coisas, as particularidades do arquétipo do cuidador em Trunks que, posteriormente, ascende a sua própria jornada do herói.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica arquetípica, cuidador, Trunks, Dragon Ball Z.

ABSTRACT: This text aims to describe and interpret the archetype of the caretaker present in Trunks (from the future), from the Dragon Ball Z anime (Akira Toriyama), according to the perspective of archetypal semiotics whose result is the articulation of semiotics with archetypal psychology. In order to reach the scope of this article, we follow the methodological-heuristic outline of archetypal semiotics developed in “A semiótica do herói: a conflagração do caminho ascendente de Son Goku” (SOARES, 2020), em “A semiótica do sábio: uma análise da constituição da jornada de Piccolo em Dragon Ball Z” (SOARES, 2021a) and in “A semiótica do amigo: uma análise da composição do companheirismo de Kuririn, em Dragon Ball Z” (SOARES, 2021b). To do so, we resort to the use of the Jungian concept of archetype (JUNG, 2002) which, in turn, allows the extensive application of the four points of the basic needs of archetypal constitution (MARK; PEARSON, 2001) on which the analysis based on the tensioning is to understand the valence of the main traits linked to the caretaker's semiotic structure. Due to the achievement of the objective outlined here, it was possible to verify, among other things, the particularities of the caretaker archetype in Trunks, who later ascends to his own hero's journey.

KEYWORDS: Archetypal semiotics, caretaker, Trunks, Dragon Ball Z.

1. INTRODUÇÃO

Cuidar pode ser uma das ações mais árduas empreendida por alguém. Para cuidar, precisa-se de cuidado,

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

já que a falta desse implica desconhecimento daquele. Cuidar parece nobre e, em boa medida, o é, porém, muitas vezes exige muito mais do que se pode oferecer. O revestimento romântico circundado na aplicação do cuidado ultrapassa qualquer ato heroico, pois esse é visto como necessário e, simultaneamente, contingencial, ao contrário do cuidado que raramente pode ser fortuito. Portanto, mesmo que a ilusão presente no ato de cuidar esteja atravessada de sentidos configurados em múltiplas demandas existenciais, o cuidador é, sem dúvida, uma figura de absoluta relevância para o desenvolvimento humano.

Assim, o processo cujo resultado é o ensejo de acolhimento intitula-se cuidado. “Cuidado não é apenas essencial nos processos vitais, especialmente nos relacionamentos pessoais e sociais, seja como cuidado-amoroso, como cuidado-preocupação, ou seja, como cuidado-precaução, mas também está presente em todo o processo evolucionário” (BOFF, 2012, p. 40). Desse modo, “O que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma *atitude*. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo” (BOFF, 2014, p. 37; *itálicos do autor*). Em vista desse funcionamento idiossincrático, pode-se afirmar que o cuidado “Representa uma *atitude* de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro” (BOFF, 2014, p. 37; *itálico do autor*).

É fundamentalmente significativo ressaltar as características internas, externas, restritas e amplas compreendidas na complexa arquitetura do cuidado. No horizonte psicológico, o cuidado espraia-se de dentro para fora ou em sentido contrário, mobilizando recursos internos e externos ao cuidador. Para esse, caso não exista uma razão para o exercício de uma atitude de cuidado, pode haver um sério comprometimento da ação. Consequentemente, as condições de existência do cuidador também devem colaborar para a efetivação do cuidado. No âmbito da atuação, com relação ao “objeto”, o cuidado pode ser individual ao voltar-se para um ser ou mesmo para o próprio cuidador; pode ser coletivo ao afetar diretamente um conjunto de seres. Tais elementos articulados na síntese proteica do cuidado, tem-se a proporcionalidade fundante dos vínculos sociais. “Nesse ponto é que o cuidado ganha importância. Ele sempre tem a ver com relações humanas e com a proteção da vida, seja sanando as chagas passadas, seja prevenindo as chagas futuras” (BOFF, 2012, p. 134).

Como é possível perceber, não é de hoje que o cuidado possui tamanha gravidade. Diante da amplitude histórica do uso social do vocábulo cuidado, algumas de suas alterações morfológicas podem

eventualmente soar um tanto quanto distintas atualmente. Posto isso, de acordo com Faria (2001, p. 71) em latim “cura – subs. f. – significa: cuidado, preocupação e, daí, as significações especializadas: direção, encargo (língua administrativa); curadoria (língua jurídica); cura, tratamento (língua médica)”. Somado a esse fator, as propriedades do campo semântico vinculadas ao cuidado também podem oferecer variação, como em: diligente, prestativo, solícito, entre outras. Consequentemente, a etimologia do item lexical em questão afeta seus variados empregos, já que o cuidador também pode ser o curador na acepção terapêutica. Ora, talvez não exista a possibilidade de o curador não ser um cuidador, de modo que a expressão linguística seja tão somente um desdobramento da intrínseca realidade existencial impressa na relação entre cuidar e curar.

Delineado o horizonte do cuidado e suas imbricações, pode-se, então, apontar para uma espécie de forma primordial na qual o cuidado esteja subjacente ao inconsciente coletivo “que é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal” (JUNG, 2002, p. 53), mas, sim, um conjunto antropológico de dispositivos psicológicos angariados por parte do gênero humano. Portanto, a investigação das representações de personalidades profundas ou primordiais é componente fundamental da disposição de todas as ciências humanas, sobretudo para aquelas que estudam a formação do imaginário por meio da estruturação da linguagem em características psicossociais, como no emblemático caso do cuidador.

A partir dessas constatações delineadas pelo objetivo de descrever e interpretar o arquétipo do cuidador presente em Trunks (do futuro), do anime de Dragon Ball Z (Akira Toriyama), realizamos uma análise segundo a perspectiva da semiótica arquetípica cujo resultado é a articulação da semiótica com a psicologia arquetípica. Para tanto, recorreremos ao uso da conceituação junguiana de arquétipo (JUNG, 2002) que, por sua vez, possibilita a aplicação extensiva dos quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica (MARK; PEARSON, 2001) sobre os quais assentam a análise que tenciona compreender a valência dos principais traços ligados à estrutura semiótica do cuidador.

Com vistas a alcançar o escopo deste artigo, seguimos o traçado metodológico-heurístico da semiótica arquetípica desenvolvido em “A semiótica do herói: a conflagração do caminho ascendente de Son Goku” (SOARES, 2020), em “A semiótica do sábio: uma análise da constituição da jornada de Piccolo em Dragon Ball Z” (SOARES, 2021a) e em “A semiótica do amigo: uma análise da composição

do companheirismo de Kuririn, em Dragon Ball Z” (SOARES, 2021b). Assim, em função da organização arquitetônica deste texto, três seções são subsequentemente abertas. Uma primeira, “A semiose (narrativa) do arquétipo de Trunks (do futuro)”, na qual descrevemos e interpretamos a disposição semiótica de Trunks à luz do funcionamento arquétipo do cuidador, consoante às quatro fases constituintes da narrativa (PLATÃO; FIORIN, 1993). A segunda, “A semiótica das necessidades básicas no cuidador em Dragon Ball Z”, na qual a relação entre os quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica (MARK; PEARSON, 2001), demonstram a narratividade semiótica de Trunks (do futuro). A última, “Considerações finais”, nas quais há uma avaliação das possíveis contribuições oriundas da investigação empreendida.

3. A SEMIOSE (NARRATIVA) DO ARQUÉTIPO DE TRUNKS

Para estudar a narratividade arquetípica de Trunks, do universo de Dragon Ball Z, são necessários alguns comentários iniciais acerca da situacionalidade na qual sua semiose encontra-se. Para tal finalidade, saber que existem dois Trunks, um do futuro, outro do presente, cada qual com particularidades distintas, implica conhecer minimamente a diferença de cada um no desenvolvimento da história de Dragon Ball Z (Akira Toriyama) e, para este exame, delinear qual deles representa dinamicamente o arquétipo do cuidador. Posto isso, é significativo informar que não é apenas uma coincidência de homonímia, mas, antes, serem a mesma personagem enquadrada em conjunturas distintas, já que um vem do futuro, aproximadamente 20 anos à frente, e o outro está para nascer pouco tempo depois da primeira visita daquele. Feitas essas explicações, é importante deixar explícito que o Trunks do futuro é quem enseja a possibilidade de uma investigação sobre o arquétipo do cuidador sob uma perspectiva semiótica, ou seja, segundo a semiótica arquetípica.

Postos os trilhos sobre os quais as linhas iniciais de tratamento dos principais aspectos do arquétipo do cuidador em Trunks do futuro devem passar, podemos avançar para os procedimentos acionados para descrevermos e interpretarmos a arquitetura de sua composição semiótica. O percurso gerativo de sentido das quatro fases constituintes da narrativa (PLATÃO; FIORIN, 1993), em conjunção com a caracterização da conceituação junguiana de arquétipo, ancorada nas fases percorridas pelo herói

(CAMPBELL, 2007), são articulados visando a compreensão consistente da semiose narrativa do arquétipo do cuidador presente em Trunks. Lançado mão desse expediente, uma parte da semiose componente da configuração do arquétipo do cuidador é passível de análise; a outra parte carece da investigação das valências existentes nas principais necessidades básicas de constituição arquetípica (MARK; PEARSON, 2001), que, por sua vez, encerra a aplicação do procedimento teórico-metodológico da semiótica arquetípica.

Diante da propositura de descrever e interpretar o arquétipo do cuidador presente em Trunks do futuro, do anime de Dragon Ball Z (Akira Toriyama), através da operacionalização da semiótica arquetípica, cabe a imprescindível referência “à representatividade ficcional da personagem em questão que é um actante do ponto de vista de uma gramática funcional dos casos de ação segundo seu desempenho no espaço narrativo” (SOARES, 2021b, p. 32). Nesse sentido, é fundamental observar que “O conceito de actante deve, igualmente, ser interpretado no âmbito da gramática dos casos em que cada caso pode se considerar como a representação de uma posição actancial” (GREIMAS; COURTÉS, 1989, p. 12-13). Em outros termos, Trunks é uma entidade com valor significativo na estrutura narrativa de Dragon Ball Z, já que seu ingresso na história faz com que haja tomadas de atitudes de outras personagens enredadas no tecido semiótico da trama. Dessa forma, Trunks deve ser considerado um actante, pois se enquadra na representação valorativa adquirida no interior das forças existentes no universo de Dragon Ball Z.

Toda e qualquer narrativa possui uma série de actantes responsáveis pelos rumos da história, de modo que esses podem, a depender das circunstâncias, representar papéis relativamente diferentes, no entanto “A actância do herói preenche o espaço da narrativa mesmo com sua ausência, estabelecendo sua força centrípeta em relação aos demais actantes” (SOARES, 2020, p. 116). Em vista dessa constatação e de sua repercussão na gramática dos casos actanciais existentes, “Na progressão do discurso narrativo, o actante pode assumir um certo número de papéis actanciais, definidos simultaneamente pela posição do actante no encadeamento lógico da narração e por seu investimento modal” (GREIMAS; COURTÉS, 1989, p. 13). Tal descrição teoriza o próprio desempenho de um protagonista, por exemplo, Son Goku, de Dragon Ball Z.

Goku nem sempre é o salvador ou mesmo o vencedor das batalhas de que participa, como se dá no futuro de Trunks em que morre de uma doença do coração. Nessa conjuntura catastrófica,

praticamente todos os companheiros da personagem principal são derrotados por androides malignos, restando apenas o guerreiro da “esperança”, isto é, Trunks. Dessa perspectiva, ele é o actante de fundamental importância para o transcorrer da história em suas duas vertentes, futuro e presente. Para tentar salvar o futuro, seu próprio presente, Trunks volta ao passado, presente contínuo da narrativa, para salvar Son Goku de sua patologia e levá-lo para sua época e nela lutar ao lado do lendário guerreiro Z contra os poderosos androides n.º 17 e 18. Frente a esse contexto experienciado por Trunks, Greimas e Courtés (1989), acertam ao apontar a multiplicidade do número de papéis temáticos passíveis de emprego por uma personagem. Dessa percepção afunilada decorre o confronto com a compreensão amplamente difundida de que narrativas são conjuntos performáticos de ações sustentadas por um herói, porquanto ao elevarmos um actante adjuvante à condição responsável pela construção de um lastro semiótico, temos a condução ao arquétipo do cuidador.

Quanto à concepção de arquétipo, oriunda da psicologia analítica junguiana, “O conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar” (JUNG, 2002, p. 53). Ora, o “inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal” (JUNG, 2000, p. 53). Portanto, é possível afirmar que o lugar de residência e manutenção dos arquétipos é o inconsciente coletivo como uma entidade antropológica, já que os principais arquétipos percebidos e descritos atravessam todas as culturas, como no caso destes: herói, amigo, fora-da-lei, sábio, cuidador, entre outros. Então, os arquétipos são como “núcleos ativados dentro desse campo, cuja função seria organizar representações simbólicas em determinados padrões de comportamento” (VON FRANZ, 1992, p. 104 apud GRINBERG, 1997, p. 136).

Como é possível entender daquilo que foi dito, a formação do arquétipo, em sua estrutura semiótica, configura-se cristalizando uma imagem primordial, isto é, uma personalidade etnológica com poucas variações. É no horizonte dessa observação que Hillman afiança que “Uma imagem arquetípica opera como o significado original da ideia (do grego *eidos* e *eidolon*): não somente “aquilo que” se vê, mas, também “aquilo através do que” se vê (HILLMAN, 2022, p. 41). Portanto, a identificação de uma figura arquetípica depende da interpretação de profundas conexões de performance e valência reproduzidas em narrativas segundo as quais a orientação actancial repercute a arquetipia de

determinados sentidos cuja órbita envolva uma ou mais imagens arquetípicas. “Examinando-as mais detalhadamente, constataremos que elas são, de certo modo, o resultado formado por inúmeras experiências típicas de toda uma genealogia” (JUNG, 2018, p. 82). Diante dessa explicação, a semiótica do cuidador expressa por Trunks do futuro, em Dragon Ball Z, reproduz características genealógicas cuja performance, *mutatis mutandis*, assemelha-se à do mitológico Quíron, conhecido como o curador ferido.

Trunks, em sua arquitetura semiótica, rivaliza com o protagonismo de Son Goku, pois em seu próprio arco temporal é a personagem central responsável por salvar o mundo. O ingresso daquele na linearizada actância narrativa de Dragon Ball Z salva esse de uma doença, apresentando, de saída, a principal característica arquetípica para ser considerado cuidador. Em termos simplificados, o cuidador, vindo do futuro, socorre o herói, protegendo, com essa ação, uma linha do tempo, de maneira a ganhar o halo da estatura actancial de protagonista. Como podemos inicialmente constatar por características imanentes ao cuidador em Trunks, a personagem toma forma e espessura semântica à medida que as combinações e as articulações são realizadas em diversos níveis (FIORIN, 1990; BARROS, 2005) de progressão semiótica da narrativa. Para esse encadeamento de distintas circunstâncias envolvidas na construção de um actante nuclear, tal qual Trunks, existem alguns planos de estruturas semiotizadas, como a sequência delineada por Campbell (2007): 1) o mundo comum; 2) o chamado para a aventura; 3) a recusa do chamado; 4) o encontro com o mentor; 5) a travessia do umbral; 6) os testes, aliados e inimigos; 7) a aproximação do objetivo; 8) a provação máxima; 9) a conquista da recompensa; 10) o caminho da volta; 11) a depuração; e 12) o retorno transformado.

Goku invariavelmente atravessou todos esses estágios (SOARES, 2020), ao passo que Trunks, mesmo sendo integrado à narrativa na 6ª etapa de desenvolvimento do protagonista, também transita por praticamente todas. Ao considerar tal conjuntura comparativa entre a actância dos dois arquétipos, do herói em Goku (SOARES, 2020) e do cuidador em Trunks, é possível traçar a síntese da jornada do herói (CAMPBELL, 2007) para o guerreiro do futuro. 1) Sua vida até o aparecimento dos malignos andróides n.º 17 e 18. 2) O treinamento realizado por seu mestre Gohan, único lutador vivo até então. 3) Essa etapa de progressão de sua jornada não existe. 4) Trunks encontra-se com dois mentores em momentos diferentes, em seu próprio tempo, com Gohan, no pretérito, com seu pai, Vegeta. 5) A perda de seu tutor de combate, Gohan, o que lhe permite transformar-se em super sayajin. 6) As várias tentativas de enfrentar os andróides; a construção da máquina do tempo por sua mãe, Bulma. 7) Volta ao passado no

qual Son Goku ainda estava vivo; treinamento com Vegeta da sala do tempo (nela cada dia equivale a um ano). 8) O enfrentamento de Cell, em sua forma perfeita, depois de seu pai ser derrotado por esse. 9) A vitória dos guerreiros z contra Cell. 10) O retorno para o futuro. 11) A fácil derrota dos andróides n.º 17 e 18. 12) Essa etapa pode ser entendida da seguinte forma: a volta para sua linha temporal com muito mais experiência e poder (mantendo-se humilde, gentil e cuidador, com os mesmos traços psicológicos de antes).

Visto como estão alocadas as etapas de progressão actancial da jornada do herói em Trunks, ao concebermos um breve rastreamento dos doze estágios nos quais comumente se constrói a actância de um protagonista, neste caso na configuração narrativa de Trunks, é possível compreender a razão pela qual Vogler (2006) destaca o cuidador ou o guardião de limiar como uma das emanações do próprio herói, tal como se pode ver abaixo:



Figura 1: Emanações do herói (VOGLER, 2006, p. 50).

Em dinâmica centrífuga, encontra-se o herói no centro da emanação de outros actantes significativos para o encadeamento e desenvolvimento das narrativas. Tais papéis semiologizados também podem ser chamados de arquétipos, porquanto estão presentes em praticamente todas as estruturas narrativas existentes em larga escala antropológica. Por isso o herói está no centro, protagonizando a composição conflituosa dos enredos, e seus desdobramentos figuram na periferia circular. No horizonte dessa constatação, evidencia-se a presença performativa dos guardiões de limiar com o cuidador em Dragon Ball Z, Trunks. Guardadas as devidas diferenças entre a semiótica de um e de outro, “Os Guardiões parecem surgir do nada, nos vários patamares que servem de entrada para situações novas no

decorrer da jornada, nas passagens estreitas e perigosas entre um estágio da vida e outro” (VOGLER, 2006, p. 29). Em contrapartida, Trunks, que surge do nada no arco do tempo presente da história de Dragon Ball Z, não restringe sua atuação a algum limiar, portal ou passagem, antes, colabora decisivamente com o desenrolar do projeto narrativo ao qual se pretende. Todavia, Trunks é o guardião do amanhã, ou como sua mãe o chama, “a luz da esperança”.

A semiose narrativa do arquétipo do curador em Trunks do futuro, que na propositura integrativa de Vogler (2006) assemelha-se metonimicamente ao guardião de limiar, possui similaridades profundas com o projeto semiótico do protagonista-herói da narrativa de Dragon Ball Z. Consequentemente, “Tanto por isso quanto pela compreensão de que um projeto narrativo pode ser mais bem compreendido através das complementaridades cuja soma das análises de seus actantes adjacentes produz” (SOARES, 2021b, p. 35), é possível direcionar, com base na expressão modular da configuração actancial do herói, o exame acerca da multiplicidade de semioses narrativas presentes no arquétipo de Trunks. Diante dessa observação e com vistas a demonstração do esquema das quatro fases constituintes da narrativa no desenvolvimento da arquetipia de Trunks como curador, fazemos emprego do seguinte encadeamento descrito por Platão e Fiorin (1993, p. 57):

MANIPULAÇÃO → COMPETÊNCIA → PERFORMANCE → SANÇÃO

É importante destacar que as etapas acima fazem parte do plano narrativo de actantes com papéis altamente significativos para uma história. Assim, a consecução de cada uma enseja a outra, organizando a actância dos envolvidos. Nessa perspectiva, “A manipulação tem a estrutura contratual da comunicação” (BARROS, 2002, p. 37), ou seja, “destinador-manipulador, transforma a competência modal do destinatário ao colocá-lo, durante a comunicação, em posição de falta de liberdade ou de não poder não aceitar o contrato proposto. O destinatário é levado a efetuar uma escolha forçada” (BARROS, 2002, p. 37). Com esse mesmo direcionamento enfocado, Trunks é manipulado pelo lugar no qual é colocado quando seu mestre, Gohan, é assassinado pelos andróides n.º 17 e 18. Ao ser o último guerreiro capaz de fazer frente a esses inimigos, mas não os vencer, a manipulação acontece com o cuidador obrigado a agir. Esse, portanto, cobra de Trunks a competência necessária para sanar a situação na qual se encontra, de modo que é possível afirmar: “Manipulação e competência são correlativas, ou seja, são pontos de vista diferentes sobre o programa de aquisição” (BARROS, 2002, p. 36) de saberes e competências actanciais.

Na dimensão associada à competência, Trunks, auxiliado por sua mãe, constrói uma máquina do tempo para voltar ao passado e, com o conhecimento que detém dos acontecimentos futuros, encontrar um meio para derrotar seus adversários em sua própria linha temporal. “Então, como é possível notar, é em consequência da manipulação que o actante desenvolve uma competência, uma espécie de saber agir, para, com isso, desempenhar esse saber, isto é, performatizar” (SOARES, 2021b, p. 35). Ora, depois do guerreiro do futuro colocar sua competência em performance, salva Goku e seus aliados, porém surge um novo e mais poderoso inimigo, Cell. Nesse estágio de desempenho actancial da performance de Trunks, o treinamento na sala do tempo com Vegeta possui um caráter amplificador de seus poderes ao ponto de superar seu pai na luta contra Cell em sua forma totalmente desenvolvida. Portanto, a performance de Trunks é alargada pela necessidade que seus amigos e familiares de seu passado têm para derrotar um inimigo tão poderoso. Desse modo, Trunks não só corrobora o status do arquétipo do cuidador, bem como projeta, com o encadeamento das duas sanções que vivencia (passiva e ativamente), o encerramento da ameaça tanto do passado quanto do futuro.

É nesse horizonte de encerramento das quatro fases constituintes da narrativa que “A sanção, a última fase do algoritmo narrativo, apresenta-se como um fim necessário” (BARROS, 2002, p. 39). Logo, os inimigos precisam ser vencidos e foram. Cell, depois de muita peleja, tem seus poderes superados por Gohan e é derrotado por esse. Com a restauração da paz nessa linha de tempo, Trunks volta ao seu presente para dar cabo dos androides n.º 17 e 18. A sanção imposta pelo filho de Vegeta do futuro para esses inimigos é o total desaparecimento, já que o cuidador do futuro teve sua competência elevada ao máximo de suas capacidades e instaura rapidamente a paz para a reconstrução de seu mundo. Nesse sentido, Trunks não apenas desempenha o papel de herói, como também o de cuidador ou guardião do futuro. Portanto, analisamos, com base no fato de que “A manipulação, a competência, a performance e a sanção são desenvolvidas pela sintaxe de nível narrativo cuja elaboração se dá por enunciados de estado e enunciados de ação” (SOARES, 2018, p. 103), não a característica verbal envolvida na composição actancial de Trunks, mas as atividades envolvidas nas quatro fases da narrativa da qual ele é o agente responsável. Entretanto, ainda há elementos semióticos a serem depreendidos quanto à quadratura das necessidades básicas que formatam o jogo de sentidos do arquétipo do cuidador (MARK; PEARSON, 2001) em Trunks.

3. A SEMIÓTICA DAS NECESSIDADES BÁSICAS NO CUIDADOR EM DRAGON BALL Z

Com vistas ao tratamento da semiótica das necessidades básicas (MARK; PEARSON, 2001) integrantes de Trunks do futuro, em Dragon Ball Z, é fundamental discernir a semiótica como um amplo campo de investigação cujas determinações teórico-analíticas referem-se às particularidades do corpus sob exame, já que “Essa por ser a ciência geral da significação está fundamentalmente ligada à filosofia da linguagem, porém, dessa se afasta quando se tem um objeto comunicativo a ser investigado” (SOARES, 2020, p. 120), como é o caso neste artigo. Portanto, “Como se pode notar, ela é uma teoria dos signos, da representação e do conhecimento, que elabora uma extensão da lógica no território da cognição e da experiência dos fenômenos” (SOARES, 2018, p. 96). Consequentemente, é então que “Por estes e por outros motivos, a semiótica não é apenas uma teoria, mas uma prática comum. É-o porque o sistema semântico muda e ela só o pode descrever parcialmente e em resposta a acontecimentos comunicativos concretos” (ECO, 1981, p. 172).

Diante da visada segundo a qual a semiótica arregimenta determinado ferramental teórico-analítico com base nas determinações composicionais do objeto sob estudo, “é interessante observamos que o arquétipo, como uma estrutura segundo a qual funciona uma gramática de atos cadenciados também por um projeto narrativo, é antes de qualquer coisa uma semiose” (SOARES, 2021b, p. 37). Isso quer dizer que o projeto arquitetônico de um arquétipo não difere substancialmente de uma personagem cujas características ganham relevo por seu contraste com outros no plano de construções actanciais, recebendo uma gramática própria de seu funcionamento, tanto ao nível global quanto ao nível local. Como ilustração dessa condução performativa existente na gramática tanto dos arquétipos quanto dos actantes, podemos lembrar das descrições de Todorov (2006), Vogler (2006) e Campell (2007), entre outros, acerca das atividades desempenhadas por determinadas personagens que universalmente criam estruturas actanciais relativamente estáveis. Um exemplo dessa propriedade deve, ao mesmo tempo, esclarecer parte da composição do arquétipo e validar a via necessária de análise das necessidades básicas para a semiótica arquetípica aqui em desenvolvimento.

Como é possível identificar, há uma série de figuras arquetípicas, como, por exemplo, o velho sábio é uma delas. É de conhecimento comum que todos os sábios possuem características partilhadas, já que “A força da construção das características da personagem sábia reside fundamentalmente em um comportamento sereno e circunspecto” (SOARES, 2021a, p. 24). Dessa constatação, a inferência diz

respeito ao caráter global do arquétipo, preenchido por uma universalização da semiose, ao passo que o caráter local é determinado por particularidades actanciais pertinentes ao programa narrativo do qual a personagem é participante. Em outros termos, um tipo específico de arquétipo já possui sua gramática antropológica na memória coletiva que, por sua vez, é atualizada em personagens com atributos semelhantes aos de sua matriz arquetípica, porém é provável, como temos percebido neste texto, que existam não somente correspondências. Nessa perspectiva, como pudemos analisar na semiose narrativa do arquétipo de Trunks, todo e qualquer actante pode desenvolver uma performance arquetípica (CAMPBELL, 2007), sobretudo ao tratar-se de um que dilata sua ipseidade de modo a concorrer com o protagonista em relevância para a resolução de conflitos e, por conseguinte, com o desenrolar da trama.

Conforme os apontamentos levantados acima e por constituir parcela integrante da semiose do cuidador em Trunks, ao estar consoante ao objetivo de descrever e interpretar o arquétipo do cuidador em Dragon Ball Z, a semiótica das necessidades básicas de constituição arquetípica (MARK; PEARSON, 2001) é aqui levada a cabo para conduzir a etapa final desta análise. Para uma melhor ilustração estrutural, segue abaixo a imagem da disposição dos elementos constituintes das necessidades básicas:



Figura 2: Necessidades básicas de constituição arquetípica (MARK; PEARSON, 2001, p. 214).

É possível verificar acima a quadratura das necessidades básicas de constituição arquetípica, de modo que há uma relação diametralmente oposta entre os polos semânticos de pertença e independência, de estabilidade e maestria. Diante da universalização aplicacional da quadratura das necessidades básicas de constituição arquetípica (MARK; PEARSON, 2001), não apenas se verifica a dinâmica semiótica com base na qual uma determinada personagem assentam-se suas características em semioses arquetípicas, bem como se identifica o projeto narrativo envolvido na estrutura ficcional articulada nos

comportamentos internos e externos de actantes cuja complexidade atualiza formações arquetípicas. Nessa orientação teórico-analítica, o entrecruzamento de tais polos, pertença, independência, estabilidade e maestria, engendra o processo actancial de uma personagem arquetípica, como é o caso do cuidador em Trunks do futuro no universo de Dragon Ball Z.

Trunks tem sua pertença inicialmente ao futuro no qual todos os guerreiros z, companheiros de Son Goku, estão mortos e uma catástrofe global atinge a todos, os androides n.º 17 e 18. O pertencimento a uma tragédia e figurar no lugar da esperança movem o último sayajin em busca de maior poder para restabelecer a paz e a segurança para seu mundo. Assim, a pertença de Trunks a um lugar macabro repleto de destruição lança-o em sua jornada de independência. Ao se deparar com seu mestre, Gohan, assassinado pelos inimigos, o primeiro passo é dado rumo ao desenvolvimento de sua independência, o combatente do futuro, em meio ao caos e raiva crescente, dispara todo seu desejo de mudar a situação na qual vive e, com essa mescla de sentimentos, transforma-se no super sayajin. Esse passo para Trunks representa o início de sua independência como guerreiro. Dessa forma, “O mais provável é que ele tenha conscientemente mantido sua identidade arquetípica do Prestativo, dando ao mundo a constante reafirmação de que tudo ficaria bem” (MARK; PEARSON, 2001, p. 34) para voltar ao passado e lá encontrar uma solução para derrotar seus algozes.

Vale destacar que a independência actancial de Trunks é obtida na medida que ele se integra ao grupo de combatentes de seu passado, especialmente a seu pai, Vegeta. Nesse sentido, o fato que demonstra a conexão do funcionamento tanto do eixo horizontal quanto do eixo vertical da quadratura das necessidades básicas de constituição arquetípica do cuidador de Dragon Ball Z, encontra-se na luta contra Cell em sua forma definitiva. Após intenso treinamento na sala do tempo, Trunks e Vegeta vão de encontro ao monstro Cell. “Aqui a relação entre instabilidade e estabilidade, enquanto composição semiótica tanto da estrutura narrativa quanto da propriedade arquetípica, ganha a direção do último ponto componente das necessidades básicas, isto é, volta-se à maestria” (SOARES, 2020, p. 124), pois o filho, não apenas espera pacientemente seu pai iniciar a luta contra o inimigo, mas também interfere precisamente no momento em que seu genitor está prestes a ser eliminado. Disso decorre a relação entre a estabilidade e a maestria incutidas no projeto narrativo no qual se desenvolve o arquétipo do cuidador; ao deixar Vegeta lutar contra Cell, Trunks põe-se no lugar de estabilidade pertencente ao filho obediente, entretanto quando vê seu pai correndo sério risco, sua maestria é posta em marcha no interior do circuito

semiótico das necessidades básicas do arquétipo do cuidador.

Salvar o pai, após permitir sua tão desejada peleja, é, a um só tempo, testemunho da promoção tanto do polo semântico da estabilidade quanto do polo semântico da maestria, já que o primeiro é resultado da introjeção de seu papel “subordinado” a seu pai, o orgulhoso príncipe dos sayajins, ao passo que o segundo deriva do domínio de seu novo poder adquirido e apresentado na luta contra Cell. Delineados tais contornos nos quais Trunks expressa o funcionamento das necessidades básicas da estrutura do arquétipo (MARK; PEARSON, 2001) do cuidador, é possível afirmar que o guerreiro do futuro cumpre um papel absolutamente importante para o desenvolvimento do enredo da história, bem como atualiza, a partir da conjunção de sua semiose narrativa e do enquadramento da semiótica das necessidades básicas arquetípicas, a figura de um cuidador heroico capaz de se despojar de suas próprias agruras para atuar como protagonista. Portanto, Trunks, de acordo com sua trajetória, regula seu tempo, ao retornar e destruir os malignos androides, e permite a uma linha temporal paralela, ao auxiliar aqueles que se tornam sua nova família, um por vir de esperanças e novas aventuras.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de descrever e interpretar o arquétipo do cuidador presente em Trunks do futuro, do anime de Dragon Ball Z (Akira Toriyama), realizamos uma análise segundo a perspectiva da semiótica arquetípica, cujo resultado é a articulação da semiótica com a psicologia arquetípica. Para tanto, mobilizamos a conceituação junguiana de arquétipo que, por sua vez, possibilitou a descrição analítica da semiose narrativa dessa personagem, através da sequência de estágios delineada por Campbell (2007), das emanções do herói desenhadas por Vogler (2006) e do emprego dos quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica expostos por Mark e Pearson (2001). Diante do cumprimento do expediente pretendido e das múltiplas reflexões ensejadas a partir desta investigação do arquétipo do cuidador em Trunks, podemos aprofundar o que Ernest Cassirer postula acerca da fundamentação do estado elucidativo dos componentes míticos para a compreensão do mundo e de seus inúmeros sentidos entrecruzados, pois “Não há nenhum fenômeno natural, e nenhum fenômeno da vida humana, que não seja passível de uma interpretação mítica, e que não peça uma interpretação” (CASSIRER, 1994, p. 123).

Nesse diapasão, por meio do processo perscrutador empreendido no interior da perspectiva da semiótica arquetípica, foi possível constatar alguns traços do arquétipo do cuidador no actante em questão que, posteriormente, ascende a sua própria jornada do herói. Trunks, como uma personagem de valor extremamente relevante no projeto narrativo de Dragon Ball Z, atua como um actante nuclear, ou melhor, como um protagonista, desde o momento em que surge para destruir Freeza antes da chegada de Son Goku à Terra. Por salvar o herói do universo de Dragon Ball Z, seu pai e, claro, o futuro ao qual pertence, o cuidador é alçado à condição de herói sem o qual o traçado semiótico dos valores arquetípicos impressos na ficção seriam deslocados de seu eixo de linearidade projetiva canônica dos grandes enredos de histórias. A possibilidade de inexistência da actância de Trunks é enviesada pelo recurso *deus ex machina* presente em obras nas quais um cuidador não se encontra inserido no projeto narrativo articulado pelo enredo em que os demais actantes estão presentes.

Em vista do grau de comprometimento do guerreiro do futuro com sua linha do tempo e seu passado, pode-se afirmar que seu processo evolucionário impacta diretamente no desenrolar da trama de Dragon Ball Z, enriquecendo os planos actanciais nela arregimentados, ao mesmo tempo que gesta um desejo inconsciente que “prossegue através dos símbolos arquetípicos, que representam o inconsciente coletivo” (JUNG, 2013, p. 373), e podem ser percebidos por meio da escanção das semioses narrativizadas em personagens de maior dinâmica estruturante para um determinado conjunto composicional semiótico, como no caso de Trunks. Ora, nesse sentido, o arquétipo do cuidador demonstra que “Cada história requer um ponto de partida que não seja bom o suficiente e outro ponto de chegada que seja melhor. Nada pode ser mensurado na ausência desse ponto de chegada, desse valor mais elevado” (PETERSON, 2021, p. 85). Em outros termos, trazidos para a perspectiva na qual o guerreiro do amanhã desempenha o papel de cuidador, voltar-se para a alteridade é, em boa medida, ir ao encontro de si, porquanto a integração do cuidador com quem recebe seus cuidados refere-se à projeção daquele nesse em um movimento psicodinâmico metaforizado na seguinte descrição de Campbell e Moyers: “Onde imaginávamos viajar para longe, iremos ter o centro da nossa própria existência. E lá, onde pensávamos estar sós, estaremos na companhia do mundo todo” (CAMPBELL; MOYERS, 1990, p. 131). É nesse horizonte associado que a análise do arquétipo presente em Trunks permite compreender o cuidador como depositário de mais de uma face performática, bem como sua necessária atualidade.

7. REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do texto**. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- BOFF, L. **O cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ecologia e na espiritualidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BOFF, L. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. 20 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. 10 ed. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.
- CAMPBELL, J.; MOYERS, B. **O poder do mito**. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. Trad. Tomas Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- COMMELI, P. **Mitologia grega e romana**. Trad. Eduardo Bueno. 3 ed. Martins Fontes, 2008.
- DRAGON BALL Z. **Criação de Akira Toriyama**. Japão: Fuji Network System, 1989-1996, son., color. Série animada exibida no Brasil pela rede Bandeirantes.
- ECO, U. **O signo**. Trad. Maria de Fátima Marinho. 2 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1981.
- FARIA, E. **Vocabulário latino-português**: significação e história das palavras, agrupadas por famílias, segundo os programas atuais. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2001.
- FIORIN, J. J. **Elementos de análise do discurso**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1990.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.
- GRINBERG, L. P. **Jung**: o homem criativo. São Paulo: FTD, 1997.
- JUNG, C. G. **Estudos alquímicos** (vol. 13.). Trad. Dora Marianna R. Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- JUNG, C. G. **A vida simbólica**: escritos diversos (vol. I). Trad. Araceli Elman et. al. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- HILLMAN, J. **Psicologia arquetípica**: uma introdução concisa. Trad. Lucia Rosemberg e Gustavo Barcelos. 2 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2022.
- MARK, M.; PEARSON, C. S. **O Herói e o Fora-da-Lei**: como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos. Trad. Merle Scoss. São Paulo: Cultrix, 2001.
- PETERSON, J. B. **Além da ordem**: mais 12 regras para a vida. Trad. Wendy Campos. Rio de Janeiro: Alta Books, 2021.

PLATÃO, F. S. FIORIN, J. L. **Para entender o texto: leitura e produção.** 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 1993.

SOARES. T. B. **Percurso linguístico: conceitos, críticas e apontamentos.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

SOARES. T. B. A semiótica do herói: a conflagração do caminho ascendente de Son Goku. **Porto das Letras**, Vol. 06, Nº especial. 2020. p. 113-128. Acesso em 07 de jul. 2024. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9955>.

SOARES. T. B. A semiótica do sábio: uma análise da constituição da jornada de Piccolo em Dragon Ball Z. **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v.3, n.5, p. 23-35, jan.jun. 2021a. Acesso em 07 de jul. 2024. Disponível em: <https://revistaestudosnerd.wixsite.com/estudosnerd/v-3-n-5-2021>.

SOARES. T. B. A semiótica do amigo: uma análise da composição do companheirismo de Kuririn, em Dragon Ball Z. **Revista Tabuleiro de Letras**, v. 15, n. 01, p. 29-43, jan./jun. 2021b. Acesso em 07 de jul. 2024. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/10657>.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas.** Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

VOGLER, C. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores.** Trad. Ana Maria Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.